

out of this hole. Get me? We've got to look for a way. Dig. Dig. Man. That's the only way we can make some money. It shouldn't be hard to find one more chimpanzee. Zé. Right around here. **EDUARDO JORGE**

Sábado, 13 de Maio. Tal como ontem, nuvens correndo no ar abafado, que se dispersam para se reunirem de novo; mudanças contínuas. (Johann Wolfgang Goethe, *O jogo das nuvens*.)

Endereço pelo avesso. *Sem mundo*, disse, em alemão, o filósofo, apontando a pedra. *Sem lugar*, repete o coro, quando um corpo mineral não está organizado em rua, número e código postal. Peso morto, o refrão. *Um peso morto* dita a voz didática em introdução à economia nas primeiras horas da manhã. O deserto, uma ausência de alvenaria, é sempre aberto ao excedente, para quem diz aterro ou terremoto até gaguejar um desastre natural. *Habitar, nesse sentido, é esquecer a travessia*, dizem as pedras em tom de fábula. "As pedras (quem cria se não o atestasse a antiguidade?)/

começaram a largar a dureza e a rigidez e, com o tempo/ a amolecer e, uma vez amolecidas, a assumir uma forma." Nuvens. Pedras ditam nuvens. Foi o orador, com uma das mãos, que deu um passo. Retirou sua orelha esquerda para auscultar o entulho. Sussurrou à mosca pousada em seu nariz: *evidentemente, minha cara, não se trata de uma fábula, pois, para todos os efeitos, as pedras não falam*. Nas primeiras investigações, o orador constatou que a ausência de boca das pedras se deve ao fato de que cada uma delas é toda ouvidos. Assim, guardou a orelha no bolso da calça e pôs a mosca no ombro, esta uma futura pedra (o grão é uma pedra). Ao sair, pegou mais uma, duas pedras para o caso de eventualidades. Segundo os ventos, o gesto do orador é um modo de se localizar em um descampado tão aberto. Modo simples de ficar atento e tornar os tímpanos sensíveis, além, claro, de não ser atacado por paredes selvagens que vagam no deserto em busca

de um endereço para ouvir novas histórias.

Deus em pedras a) escruta o céu./ campânula azul-areia./ um vaso por onde/ moscas e meteoros./ a dois dedos/ digita nuvens – aerolitos/ e lembra à luz acesa./ unhas sujas, fome e cárie/ três corcovas sob o pino./ *é-mei-o-di-a*./ a sombra dorme/ à sombra da carne./ *é-mei-o-di-a*/ a carpideira gargalha/ *buitres*, cometas/ *é-mei-o-di-a*/ e, com a boca furada./ anuncia em um azul-estrela/ que o vaso trincou./ quase inventa./ é preciso ser oco/ para viver sossegado/ no deserto./ um oco duvidoso de rocha./ densidade, peso puro./ oco feito céu/ índigo escuro/ quando nessa noite./ *é-mei-o-di-a*/ b) se três dunas fantasmas/ em busca de endereço./ isto é, a pupila/ em quarto minguante/ prevê noite de coiotes/ ao céu em braile, espaço./ teatro cujo grão na íris/ prevê dia banguelo,

grisalho./ a crença: praia um pé só/ com o dedão solto/ feito travessia. em lâmina./ salto de funâmbula./ banho noturno em charco./ cujo gesto rápido *mergulho*/ nada na maré móvel de cupim./ não, não é corpo – aquilo/ que escruta o céu, que digita/ o oco-móvel sem dedos, que./ piada de carpideira./ campânula azul-areia, nuvens./ não é corpo, pois é vago./ é espaço silenciado, baldio./ quase vez em quando./ mapa pontilhado./ hachura por onde vaza/ a paisagem epifânica./ a miragem do *é-mei-o-di-a*/ repete casa oca sob o céu./ e a enésima tentativa/ de domesticar a duna/ grão areia estrela em número/ até que terremoto, erupção./ ou aquele tempo de meio-dia.

Atravessado pelo tanto bate. *Hoje em dia* – algo atual a ser dito, *faz tempo*. Se tusso, são ordens, o corpo traz um soberano no pulmão. Raspas de Carrara, restos de afrescos, *Domus aurea*. Se vais falar de mim,

fico de perfil, mesmo sendo um corpo desatualizado e sem prazer. Ele tem um coração de pedra, disse ingênuo, e cantou imitando mal, qual andarilho da arcádia: *Coração de pedra faz tum, tum./ Coração de pedra tanto bate, tanto./ E pedra, tum, tum, é perfurada./ Coração de pedra é carta volante./ É grão, é poeira constante./ Coração de pedra é carta de amor./ É pedra até quando tum-tumba.* Finda a canção, tosse. Explica: trata-se do fiacre: um príncipe cruza minha circulação. Diverte-se com o ventrículo, ri sem perder a cólera. E segue em direção ao estômago, furioso em busca do pai. A ciência chama o príncipe de retrovírus. Carinhosamente chamo-o Aquiles, por Homero. O saque de Roma vi na última radiografia. Coço a barba que não tive, postiça, apenas para evitar o encontro do príncipe com o pai. Ingeri água, muita água, maremoto ao encontro. Uma hora acontecerá, e aí o rei será deposto. Como se diz em grego *metastasis*, isto é,

mudança de lugar. Mitologia, tudo o que os exames trazem. Da última ressonância, pressenti a fome do príncipe, futuro rei, na minha barriga. Sem medo algum, ele devorou, uma a uma, as pedras que trazia nas mãos.

Retrato falado do Sr. (1889–1976).

Feito em jejum de circo, bigode postiço bem como lunetas. Na valise, se alguma pedra peluda e pomes, a pergunta era: o que é uma pedra. Fecharam seu corpo anunciando um transplante de rins de dromedário e pés portáteis. Sonhos sempre incompletos pelo oxigênio precário em direção ao cérebro. Calculava, ao nascer do sol, quantas virgens havia na palavra *vertigens*. O que disse, tomado por suas últimas palavras, foi: *sou uma espécie de santo falsificado*. A sentença fez jus a sua pragmática. Tudo o que tocava perdia o valor. Se tocava em barra de ouro, essa se transformava em um metal dourado, bem como diamante, vidro. Os alimentos perdiam o sabor. Amargavam.

O dinheiro que passou por suas mãos já criou uma nova comunidade carcerária. Jejua, bebe pouca água e algumas raízes amargas. Essas, mesmo com o seu toque, continuavam amargas. Quando construiu a pequena vila, no noroeste da salina de Uyuni, as vigas amoleceram. As pedras se amaciaram. Só a areia continuou areia. E o sal, sal. Na valise esverdeada levava apenas duas pedras domésticas, a peluda e a pomes, bem como a cola para o bigode, um lenço próprio para lunetas. Ambas as pedras não se moviam. Muito menos qualquer tipo de som. A pedra peluda, a princípio, foi confundida com uma espécie de coral. O pelo ralo foi tido por musgo. Apenas depois foi constatado que aquele musgo eram fios com queratina, presente apenas em mamíferos. Seu objeto de estima foi encontrado no início dos anos oitenta no meio de um amontoado de pedras e pego aleatoriamente por dois jovens camponeses. Ainda hoje se veem

o Sr. (1889 – 1976), atualmente São (1889 – 1976), encarnado em feno de western ou tatu-bola, seguindo em direção a um campo aberto: “O corpo na pedra/ a pedra na vida/ a vida na forma.”

[Sob as aspas estão Ovídio e Carlos Drummond de Andrade.]

EDUARDO JORGE *Saturday*, May 13. Just like yesterday, clouds rushing in the stuffy air, spreading out to get together again; continuous changes. (Johann Wolfgang Goethe, *Study of Clouds*.)

The Address: The Outside from Inside. *Without a world*, said the philosopher in German while pointing to the rock. *Without a place*, echoes the chorus when a mineral body is not organized following streets, numbers, and zip codes. Dead weight is the refrain. *A Dead Weight* utters the didactic voice in Introduction to Economics in the early morning hours. The desert—lack of masonry—is always open to the remainders, to those who say landfill or earthquake until they stammer a natural disaster. *To dwell, in that sense, is to forget the crossing*, say the rocks as in a fable. “The rocks (who would

believe it if ancientness did not testify?)/ started leaving hardness and rigidity behind, and in time/ started getting soft; once soft, started taking shape." Clouds. Stones dictate clouds. The speaker was the one to give the first step using one of his hands. He took of his left ear to auscultate the debris. He whispered to the fly that had landed on his nose: *my dear, this is obviously not a fable, since, for all I know, rocks cannot speak.* In his first investigations the speaker realized that the reason why the rocks had no mouth was that they are all ears. Therefore, he kept his ear in his pant pocket and placed the fly on his shoulder—a future rock (the grain is a rock). While leaving, he took one, two more rocks just in case he might need them. Following the winds, the speaker's gesture is a way to find one's location at such open grounds. A simple way to keep one's attention as well as to keep one's eardrums sensitive, in addition to, of course, keeping protected from the attack of wild walls wandering in the desert in search of an address to listen to new stories. **God in Rocks**

a) search the sky,/ sand blue bell,/ a vase through which/ flies
and meteors./ clouds are/ digitized by two fingers—aerolites/
reminders of lit-up lights:/ dirty nails, hunger, caries/ three humps
under the zenith,/ *it-is-n-oon*, the shade is asleep/ under the shade
of the flesh./ *it-is-n-oon!* the weeper laughs loud/ *butres*,
comets/ *it-is-n-oon!* and with a hole in his mouth,/ announces,
in star bluish color/ that the vase has broken./ almost making up:/
one must be hollow/ to live in peace/ in the desert./ the
doubtful hollow of the rock,/ density, pure weight,/ as hollow as
the sky/ dark indigo/ on this very night:/ *it-is-n-oon!*
b) if three ghost dunes/ in search of an address,/ that is, a pupil/
in waning moon/ foresees a coyote's night/ a Braille sky, space/
a theater whose seed in the iris/ foresees a toothless, grey day./ the
belief: beach, one foot only/ big toe loose/ just like crossing on a
razor,/ the jump of an equilibrist,/ night bath in the swamp,/

in whose rapid gesture *I divel* I swim with the moving termite tide./
 no, it's not the body—that/ searches the sky, that digitizes/ the
 fingerless mobile-hollow, that./ weeper's joke,/ sand blue bell,
 clouds./ it is not the body, since that is vague,/ it is silenced, useless
 space./ almost once in a while,/ dotted mat,/ hatching wherever
 it goes through/ epiphanous landscape,/ *it-is-n-oon* mirage/
 repeats hollow house under the sky,/ N-attempt/ to tame the
 dune/ star sand grain in number/ until earthquake, eruption./
 Or that noon time. **Crossed by *tumtum* beat.** *These days—*
 something to be said from current days, *it's been long.* If I cough, these are
 orders, the body carries a supreme ruler in the lungs. Carrara marble
 chips, remains of frescoes, *Domus aurea.* If you are to talk about me, I
 will stand sideways, even if my body is outdated and devoid of pleasure.
 It holds a stone heart, he naïvely said, and started singing in a poor
 impersonation of the Arcadia wanderer: *The stone heart beats tumtum.*

Stone hearts beat and beat and beat. And the stone, tumtum, is perforated. A stone heart is a flying card. It's a grain, it's constant dust. A stone heart is a love letter. It is stone even when it tumtums away. When the song is over, he coughs. And explains: it is the stagecoach of a prince going across my blood flow. He is having fun with my ventricle, and laughs without losing his anger. Then he goes on towards my stomach, furiously looking for his father. Science calls him retrovirus prince. I affectionately name him Achilles, on behalf of Homer. I saw the pillage of Rome in my last radiography. I scratch the fake beard I've never had, just to avoid the prince to meet with his father. I drank water, a lot of water, seaquake on its way. Some day it will happen, and then, the king will be dethroned. As the Greek word *metastasis*, that is, changing places. Mythology, everything exams show us. My last MRI made me sense the starvation of the prince—the future king—in my stomach. With no fear at all he devoured—one by one—all the stones he carried in his hands.

Facial Sketch of Mr. (1889–1976). Done when off circus, fake moustache, as fake the eyeglass. In his briefcase, if any hairy or pumice stone, the question was: what is a stone? They closed his body announcing a transplant of dromedary kidneys and portable feet. Dreams always unfinished due to poor oxygen towards the brain. At sunrise, he would calculate how many virgins were hidden in the word *vertigoes*. What he said, if his last words count, was: *I am some kind of a fake saint*. The sentence was fair to its pragmatics. Everything he touched would be worthless. If he touched a bar of gold, it would be turned into golden metal; diamond, into glass. Foods would lose their flavor. Would go bitter. The money he handled had already created a prison community. He fasts, drinks little water, and some bitter roots. These, when touched, are still bitter. When he built the small village Northwestern of Uyuni Island, the pillars melted. The rocks turned soft. Only the sand was kept as sand. And salt, as salt. In his green briefcase all he carried was two

domestic stones—the hairy and the pumice, as well as glue for his moustache, and a proper handkerchief for his eyeglass. Neither stone would move. No sound could be heard. The hairy stone was at first mistaken by some kind of coral. The thin hair was taken for moss. Only later was it realized that that moss was threads with keratin—found only in mammals. His esteem object was found in the early 1980s, in the midst of piles of stones, and randomly taken by two peasants. Until today, if they see Mr. (1889–1976), currently Saint (1889–1976), incarnated in Western hay or armadillo ball, moving towards an open field: “Body in the stone/ stone in life/ life in form.” [Quotations from Ovid and Carlos Drummond de Andrade.]